



Gozolândia, vídeo full HD, 17min35s, em cores, sonorizado. © Priscila Fernandes 2016-2018

## TEMPO DE IMAGINAR

Tanja Baudoin

*Priscila Fernandes é entrevistada pela curadora Tanja Baudoin sobre sua instalação Gozolândia e Outros Futuros,<sup>1</sup> que produziu e apresentou pela primeira vez na 32ª Bienal de São Paulo, em 2016. A artista discute sobre seu interesse pelo tempo de trabalho e de lazer e sua pesquisa no Parque Ibirapuera, assim como sobre o processo de criação da obra e sua relação pessoal com a condição de ser produtiva ou estar ociosa como artista.*

**E**m 2016, a artista Priscila Fernandes foi convidada para fazer um novo trabalho para a 32ª Bienal de São Paulo, que se transformou no filme *Gozolândia* e em um conjunto de gravuras fotográficas intitulado *Outros Futuros*. *Gozolândia* nos apresentava com cenas de pessoas passando o tempo no Parque Ibirapuera, ao lado de imagens e livros encontrados nos acervos de dois museus localizados no mesmo parque: o MAM-SP e o Museu Afro Brasil. O filme traça paralelos entre o desenvolvimento histórico do modernismo e a abstração, por um lado, e as mudanças na concepção do tempo livre e do trabalho, por outro. Ele evoca as formas complexas pelas quais nos envolvemos com ideias utópicas de como a vida e o tempo livre devem ser organizados, as pressões reais do desempenho e o potencial do artista para incorporar outras formas de passar o tempo. Fernandes discute o processo de desenvolvimento e pensamento por trás de *Gozolândia e Outros Futuros* em entrevista a Tanja Baudoin.

*EM SEU FILME GOZÔLANDIA, VEMOS MUITAS PESSOAS QUE ESTÃO APROVEITANDO O PARQUE IBIRAPUERA SENTADAS À BEIRA DO LAGO, BRINCANDO OU PRATICANDO YOGA, ENFIM, REALIZANDO ATIVIDADES QUE NORMALMENTE CONSIDERAMOS PARTE DO “TEMPO DE LAZER”, MAS QUE TAMBÉM INCLUEM APRENDIZAGEM E (AUTO)DISCIPLINA. DIANTE DISSO, SERIA CORRETO AFIRMAR QUE, EM SUA VISÃO, O PRAZER PARECE VIR MAIS DO ENVOLVIMENTO EM ALGUMA ATIVIDADE OU DA PRESENÇA EM UM LUGAR E MOMENTO DO QUE DE DEIXAR-SE LEVAR PELA PREGUIÇA OU FICAR CERCADO DE LUXO E CONFORTO. O QUE VOCÊ QUERIA EVOCAR COM ESSA IDEIA EM GOZOLÂNDIA?*

Quando visitei o Ibirapuera pela primeira vez, deparei-me com um acontecimento curioso: uma garota em seus 30 anos com seu personal trainer exercitando-se com pesos enquanto repetia em voz alta: “Eu quero ser uma mulher bem-sucedida, eu quero um carro enorme, uma viagem a Paris, serei a chefe de uma empresa”. Achei aquilo incrível. Suas aspirações expostas com tanta clareza. Ver como o lazer e o tempo livre estão tão profundamente entrelaçados com nossa ética de trabalho e o quanto eles servem para satisfazer o desejo de ser produtivo e bem-sucedido financeiramente.

Com esse filme, eu queria usar o lazer como um espelho que reflete as maneiras

como nos pedem para atuar em nosso ambiente de trabalho profissional e também em muitos outros aspectos de nossas vidas. Filmei e coreografei atividades para o filme que, de certa forma, poderiam deixar imprecisa esta linha de separação entre o trabalho e o lazer.

Porém, também queria trazer outra lógica ao filme, na qual poderia subverter o foco produtivo e disciplinar das atividades de lazer que eu observava no parque. No primeiro capítulo do filme, vemos crianças pegando algodão-doce de uma árvore e falando sobre a Cocanha – uma terra imaginária da abundância, onde o trabalho é proibido e você pode dormir feliz o dia todo. Achei que seria interessante trazer essa referência mitológica para o filme para propor que “fazer nada” pode ser algo valoroso em si.

Essa subversão é interessante para mim, porque sinto que nos concentramos demais em estar ocupados e ser produtivos, a tal ponto que agora podemos associar a ociosidade à letargia e à preguiça. Esse filme e a instalação como um todo estão, em parte, tentando resgatar a necessidade de uma “Gozolândia” de ociosidade e contemplação. Aqui, meu interesse é ver como poderíamos participar de nossa sociedade por meio da ociosidade, como seria diferente nossa percepção do trabalho e do entorno.

**EM UM MOMENTO DO FILME, SÃO APRESENTADAS ALGUMAS IMAGENS DE LIVROS SOBRE ABSTRAÇÃO E MODERNISMO. COMO AS CENAS NO PARQUE, ELAS INCLUEM CORPOS EM MOVIMENTO, CORES CONTRASTANTES, RITMOS, PADRÕES E, FINALMENTE, UM DETALHE DE UMA PINTURA DE SEURAT, UMA PESSOA SENTADA À BEIRA D'ÁGUA. FORAM PRINCIPALMENTE ESSAS SEMELHANÇAS FORMAIS QUE A FIZERAM PENSAR NESSAS OBRAS DE ARTE EM RELAÇÃO AO QUE VOCÊ ESTAVA OBSERVANDO NO PARQUE?**

No Museu de Arte Moderna, deparei-me com o catálogo da primeira exposição ocorrida lá, chamada *Do Figurativismo ao Abstracionismo*. O catálogo serviu de dispositivo para criar uma narrativa entre as obras: das representações de resistência, luta e impotência dos trabalhadores às pinturas nas quais se celebram o lazer, a comunidade e o amor. A narração passa da figuração à abstração porque eu também estava interessada no papel da arte

abstrata na discussão sobre a preguiça e o lazer. Os textos de Malevich, *A Preguiça como Verdade Definitiva do Homem*, e de Hélio Oiticica, *Crê Lazer*, foram importantes referências em minha pesquisa. Tentei, assim, encontrar obras no MAM que pudessem evocar um sentimento de resistência ou de contemplação.

Esse capítulo do filme termina com uma reprodução da pintura de Seurat *Banhistas em Asnières*, de 1884. Essa é a única referência à arte europeia ocidental. Para mim, essa pintura é significativa porque o modo como olho para ela reflete o contexto de onde venho e como meus próprios pontos de vista de lazer foram culturalmente construídos. Nessa pintura, vejo o olhar desapontado do trabalhador finalmente aproveitando seu lazer, descontente com o sentimento de não fazer nada, entediado, olhando fixamente para a água poluída pelas fábricas ao fundo. O Ibirapuera tem uma vista para o lago que me lembrou essa pintura.

*NA BIENAL DE SÃO PAULO, VOCÊ EXPÔS O FILME E TRÊS “FOTOPINTURAS” ABSTRATAS QUE OS VISITANTES FORAM CONVIDADOS A CONTEMPLAR ENQUANTO ESTAVAM SENTADOS NAS CADEIRAS DE PRAIA. A INSTALAÇÃO FOI CHAMADA DE GOZOLÂNDIA E OUTROS FUTUROS, CRIANDO UM LUGAR CALMO EM PLENA AGITAÇÃO DA BIENAL. VOCÊ ACHA QUE O SEU TRABALHO REQUER UM TIPO ESPECÍFICO DE OLHAR? OU GOSTARIA QUE A OBRA ESTIMULASSE UMA OUTRA MANEIRA DE VER, DE IMAGINAR?*

Eu estava interessada no que pode acontecer se uma obra de arte o convida a desacelerar e como conseguir fazer isso por meio da forma. As fotogravuras que fazem parte da instalação foram obtidas com pintura e raspagem feitas diretamente nos negativos fotográficos. Como estava basicamente pintando-os “no escuro”, só depois da impressão é que via os resultados. Mesmo podendo controlar a técnica, há sempre um momento de surpresa, de olhar para uma imagem pela primeira vez e tentar dar sentido a ela. Percebi que as melhores imagens são realmente aquelas que me tomam mais tempo para entender. Acho que é importante o envolvimento do tempo nesse processo de fazer e olhar.

A instalação foi concluída com um conjunto de cadeiras de praia. Embora sejam objetos ligados à ideia de descanso, elas apresentam uma ambiguidade no contexto de uma bienal movimentada. Enquanto observa as obras, o espectador pode estar em um ponto oscilante entre contemplação e análise, distração e atenção, descanso e trabalho.

Curiosamente, quando mostrei essas cadeiras na Europa, em um contexto menor, pouquíssimas pessoas sentaram-se nelas, e, se o faziam, podia-se ver que elas estavam “no trabalho”. Confesso que estava nervosa ao mostrá-las no contexto da bienal, temendo que funcionassem apenas como alegorias. Felizmente, esse não foi o caso e as pessoas as usaram para muitas finalidades, até mesmo para cochilar.

Desejar que uma obra de arte seja mais lenta pode ser bastante produtivo para a maneira como a percebemos e nos relacionamos com ela. Contudo, em nossa economia atual, ir mais devagar é uma provocação quando tudo se volta para a eficiência e a produtividade. É aí que estabeço uma ligação entre o lazer/ociosidade e a criação artística. Apresento estratégias que podem ser usadas para interromper o tempo, resistir ao hiperdesempenho, e que provocam uma nova temporalidade e percepção no criador e no espectador.



*Outros Futuros*, instalação exposta na 32ª Bienal de São Paulo

Foto: Pedro Ivo Trasferetti/Fundação Bienal de São Paulo. © Priscila Fernandes, 2016

*QUANDO INTRODUZIMOS OS TEMAS DE ATIVIDADES DE LAZER, TEMPO LIVRE E TRABALHO EM SEU PRÓPRIO MÉTODO DE TRABALHO, VOCÊ DIRIA QUE SEU PROCESSO ENVOLVE MOMENTOS DE AÇÃO E INAÇÃO, POR EXEMPLO? PODE EXPLICAR O RITMO DE SEU PROCESSO DE TRABALHO?*

Gosto de fazer coisas e manter-me ocupada no ateliê. Na verdade, não há muitos momentos de inação. Recentemente, instalei uma rede para ver se eu poderia mudar um pouco as coisas.

*EXISTE UMA PARTE DO SEU PROCESSO DE TRABALHO PELA QUAL VOCÊ TENHA UM GOSTO ESPECIAL? E UMA DE QUE GOSTE MENOS?*

Acho muito gratificante quando consigo me soltar e brincar livremente com ideias e materiais. Não gosto de trabalhar quando me sinto pressionada.

*O QUE VOCÊ GOSTA DE FAZER QUANDO NÃO ESTÁ FAZENDO ARTE?*

Estou sempre no trabalho.



### Priscila Fernandes

É artista, portuguesa que mora e trabalha nos Países Baixos. Suas atividades compreendem vídeo, performance, instalação e pintura. Seus trabalhos mostram um interesse em verificar como a aprendizagem, a brincadeira, o trabalho e o lazer se cruzam em nossas vidas. Entre seus trabalhos recentes, figuram a instalação *Gozolândia e Outros Futuros* (2016), na 32ª Bienal de São Paulo; *The Book of Aesthetic Education of the Modern School*, na Fundação Joan Miró, em Barcelona (2014); *Back to the Sandbox: Art and Radical Pedagogy*, no Museu de Arte de Reykjavik, na Islândia, Kunsthall Stavanger, na Noruega, e Western Gallery, em Washington, nos EUA (2016-2018); *Playgrounds*, no Museu Reina Sofia, em Madri (2014); *PIGS*, no Museu Basco Artium (2016); *Learning for Life*, no Henie-Onstad Kunstsenter, em Oslo (2012); e *Those Bastards in Caps Come to Have Fun and Relax by the Seaside Instead of Continuing to Work in the Factory*, no Tent, em Roterdã (2015).



### Tanja Baudoin

É curadora nascida nos Países Baixos e mora e trabalha no Rio de Janeiro desde 2015. Recentemente, deu início a uma série de conversas públicas no Capacete, no Rio de Janeiro, chamada *Maneiras de Trabalho*, com artistas de diferentes gerações que conversam sobre como lidam com as circunstâncias materiais que existem em torno de sua produção artística.



### Nota

- 1 Um link temporário para visualização de *Gozolândia* (17min35s, 2016) está disponível para os leitores da *Revista Observatório* até o final de 2019: <[bit.ly/gozolandia\\_priscilafernandes](http://bit.ly/gozolandia_priscilafernandes)>.